

Processos Morfológicos na fala infantil: a percepção da gramática da língua pela criança

Aline Lorandi¹, Regina Ritter Lamprecht²

¹Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

²Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

aline_lorandi@hotmail.com, relamprecht@pucrs.br

Resumo. *A presente pesquisa ocupa-se de fenômenos morfológicos encontrados na fala de crianças de 2:0 a 5:0 anos de idade, em processo de aquisição da linguagem, que evidenciam o uso de recursos morfológicos do Português Brasileiro, os quais apontam para uma percepção das estruturas internas das palavras. Este estudo parte da dissertação de mestrado intitulada “Formas Morfológicas Variantes: um estudo à luz da Teoria da Otimidade”. O estudo de processos morfológicos na fala infantil é motivado pela necessidade de uma explicação desses fenômenos presentes na gramática infantil a partir de uma Teoria Lingüística, a Teoria da Otimidade, e de uma descrição morfológica desses dados de fala, de modo a oferecer subsídios para que se pense nesses dados como evidência de um processo de aquisição da língua. Esses dados foram descritos morfológicamente e alguns deles, referentes à regularização, analisados sob a perspectiva da Teoria da Otimidade. O olhar lançado aos demais visa a que se entendam essas produções como um primeiro passo rumo à consciência morfológica que a criança desenvolve ao longo do seu contato com a língua. Essas análises nos mostram que a criança demonstra conhecimento da gramática de sua língua muito cedo e encaminham para a hipótese de que esse tipo de produção mostra uma sensibilidade aos recursos morfológicos que, em um momento posterior, poderá ser entendido como consciência morfológica, à medida que essa criança conseguir expressar seu conhecimento não só em termos de uso, mas também em termos de habilidades metalingüísticas..*

Abstract. *The following research is on morphological phenomena found in children speech from 2:0 to 5:0 years old, during the language acquisition process. These morphological phenomena show the usage of Brazilian Portuguese morphological resources, which point to a certain perception of the internal structures of words. Our study is part of the thesis “Formas Morfológicas Variantes: um estudo à luz da Teoria da Otimidade.” The study of morphological processes in children speech is motivated by the need of a Linguistic Theory explaining these phenomena found in child grammar – Optimality Theory – and the need of a morphological description of such speech data, in a way that one can think of these resources as evidence of a language acquisition process. These data were morphologically described, and some of them – the ones referring to regularization – were analyzed according to Optimality Theory. Our look to the other data looks to shift the*

focus of these productions to a first step towards the morphological awareness that children develop during their contact with language. These analyses show us that children show knowledge of their language grammar very early, and point us to the hypothesis that this sort of production shows some perception of the morphological resources that, in some later moment, can be understood as morphological awareness, as these children will be able to show their knowledge not only as to language use, but as well as to metalinguistic skills.

Palavras-chave: *Aquisição da linguagem, Processos morfológicos, Consciência morfológica.*

1. Aquisição da linguagem e morfologia

A investigação acerca da aquisição da linguagem é um estudo de interfaces com os subsistemas da língua: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

O estudo da aquisição da linguagem, sob o viés da morfologia, oferece a oportunidade de entender habilidades de segmentação e reconhecimento de morfemas, por parte da criança, e permite uma reflexão acerca de como a criança lida com os recursos morfológicos que ela depreende a partir de seu contato com a língua.

Para entender como ocorre esse processo, imaginemos chegar a um país cuja língua nos é desconhecida. Sob o prisma de uma teoria gerativa, a qual consiste em nosso suporte teórico, temos uma capacidade inata para desenvolver linguagem – a Faculdade de Linguagem, que nos permite reconhecer o que é uma língua e, do contínuo de fala, retirar informações pertinentes à fonologia, à morfologia, à sintaxe, à semântica e a outras instâncias da gramática. É isso o que acontece com a criança que está adquirindo a língua a que é exposta. Do contínuo da fala, ela depreende pistas fonético-fonológicas que permitem que ela segmente esse contínuo e perceba onde começam e terminam palavras, frases e enunciados e também possibilita a descoberta de restrições fonotáticas.

Depois de algum tempo de contato com a língua, por volta do segundo ano de vida, essa segmentação se torna mais fina, rebuscada, o que permite à criança perceber estruturas internas à palavra. A maior evidência dessa percepção por parte da criança é a produção de formas verbais regularizadas, a formação de novos verbos e as trocas de sufixos, que serão analisadas posteriormente. Essas produções da fala infantil são indícios de um processo de aquisição do subsistema morfológico da língua.

2. Algumas informações sobre morfologia

Visando a um melhor entendimento da estrutura das formas verbais abordadas neste estudo, traremos alguns conceitos básicos de morfologia, a partir da descrição feita por Câmara Jr. Abordaremos apenas as informações referentes às formas verbais, as quais constituíram o foco da pesquisa de nossa pesquisa de mestrado, intitulada “Formas Morfológicas Variantes na fala infantil: um estudo à luz da Teoria da Otimidade” e sobre as quais se debruçaram as análises realizadas e descritas nas seções subseqüentes.

Segundo o autor, em seu estudo intitulado “Uma Forma Verbal Portuguesa” (1956, p. 15), uma das oposições mais generalizadas com relação às espécies de

vocábulo é a que se circunscreve em torno do **verbo** em face do **nome**, sendo que a primeira assume uma nitidez mórfica inconfundível. Isso porque, em meio à evolução das línguas indo-européias, resistem os conceitos semântico, mórfico e funcional do verbo em contraste com o nome.

A **morfologia** é o estudo da estrutura e da formação de palavras de uma língua. A unidade de estudo da morfologia é o **morfema**, que consiste na menor unidade portadora de significado. Como explica Câmara Jr. (1969a, p. 94), a análise lingüística sincrônica nos estudos morfológicos propõe depreender formas mínimas indecomponíveis, ou seja, unidades mínimas de significado na língua, chamadas de **morfemas**, conforme aponta o autor (1977, p. 62).

A análise mórfica consiste, justamente, na depreensão de morfemas, por meio da qual se procede à descrição rigorosa das formas de uma dada língua (1977, p. 62). O princípio básico da análise, como aponta o lingüista (1969b, p. 42), é a **comutação**. Este termo, proposto por Hjelmslev, designa uma operação contrastiva de permuta de elementos, ou seja, pela técnica da comutação obtém-se um novo vocábulo formal, na substituição de uma invariante por outra. Por exemplo, opondo **falar** (forma infinitiva) a **falo** (1ª pessoa do singular do indicativo), depreendem-se a forma que indica o infinitivo **-r**, a vogal temática **-a** e o sufixo flexional indicativo de número e pessoa **-o**. Na contraposição com outras formas do verbo, perceber-se-á que **fal-** é indecomponível, e consiste no radical do verbo, que, nos verbos regulares, manter-se-á igual durante toda a flexão. Opondo o morfema **fal-** a morfemas como **cant-** (do verbo ‘cantar’) ou **chor-** (do verbo ‘chorar’), entende-se que o radical é o morfema que carrega a significação do verbo. A diferença entre verbos como **falamos**, **comemos** e **dirigimos**, aponta as três classes mórficas (conjugações) em que se dividem os verbos da Língua Portuguesa, identificadas pelas vogais temáticas **-a-**, **-e-**, **-i-**.

A estrutura do vocábulo verbal regular da Língua Portuguesa, segundo esse autor, configura-se como no esquema.

(1) Fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal regular (Câmara Jr., 1977)

$$T (R + VT) + SF (SMT + SNP)$$

Nessa estrutura, observamos um tema (T), formado pelo radical (R) e a vogal temática (VT), ao qual são anexados os sufixos flexionais (SF), que podem indicar modo e tempo (SMT) ou número e pessoa (SNP). Essas informações serão necessárias à análise.

Embora este artigo se debruce também sobre nomes, abordamos apenas formas verbais regularizadas na dissertação, em função de que um recorte se fazia necessário. Os exemplos de substantivos e de adjetivos expostos ilustram alguns processos morfológicos, mas não constituíram objeto de estudo da dissertação.

É importante salientar que a descrição de Câmara Jr. é de cunho estruturalista, e foi trazida para o estudo apenas com o objetivo de melhor visualizarmos a estrutura morfológica das formas verbais e nominais produzidas pelas crianças, informantes da

pesquisa. Em outras palavras, não seguimos o estruturalismo como fundamentação teórica para a explicação dos fenômenos aqui abordados, mas aproveitamos o rigor de suas técnicas de depreensão de morfemas como suporte para a análise.

3. As produções de fala

A fala infantil é riquíssima em termos de dados para análise. Sabemos que a produção da criança não se limita a imitar a do adulto. Pelo contrário, é normal ouvirmos das crianças formas verbais e nominais estranhas, diferentes, inventadas. Essas inovações lexicais constituem nossa base de estudo e possibilitam pensar sobre a capacidade da criança de lidar com o subsistema morfológico da língua e sobre a sensibilidade que ela demonstra no reconhecimento dos recursos de que a língua dispõe. Para ilustrar esses dados, trazemos alguns exemplos.

- Exemplos de formas verbais regularizadas:
 - Verbo fazer – eu fazo (I. 3:6)
 - Verbo trazer – eu trazi (B. 3:1)
 - Verbo saber – eu sabo (G. 2:7)
 - Verbo pôr (ponhar) – eu ponhei (G. 2:5, 2:8)
- Exemplos de trocas de sufixos flexionais:
 - eu boti (A.L. 2:1)
 - eu comei (M. 3:0)
 - eu usia (H. 3:4)
 - eu conhecia (I. 4:6)
- Exemplos de formação de novos verbos:
 - borrachar (apagar com a borracha) (A. 3:8)
 - xizar (marcar uma opção com um X) (A. 6:11)
 - vassourar (varrer/usar a vassoura) (A.C. 3:11)
- Exemplos de formação de novos nomes:
 - Substantivos
 - remedieiro (I. 5:10)
 - dormideira (J. 4:8, Figueira, 1995)
 - choramento (J. 5:2, Figueira, 1995)
 - orcarzês (I. 6:2)
 - Adjetivos
 - amigosa (A. 8:1)

Deixaremos a análise e as conseqüentes considerações acerca desses dados para a seção seguinte.

Esses dados são provenientes de diferentes fontes. Lorandi (2004) realizou uma coleta de dados com crianças de 2:0 a 5:0 anos de idade, residentes na cidade de Farroupilha/RS, de onde provêm alguns dos dados. Os outros dados pertencem ao Banco Inifono¹, em que são armazenadas coletas transversais de fala de crianças de 1:0 a 2:0, além de conter coletas longitudinais que se estendem dos 1:1 aos 4:1, e de pesquisas também realizadas com crianças nessa faixa etária, como as de Figueira (1995), Simões (1997) e de Silva (2007).

4. Análise dos dados

Tendo em vista que estamos lidando com um fenômeno morfológico e dado que o objetivo é entender tais estruturas da fala infantil e por que a criança as produz, a análise foi dividida em dois momentos: uma análise morfológica, em que procedemos à comutação dos dados e à conjugação dos verbos envolvidos, a fim de verificar que formas conjugadas constituem o *input* lingüístico da criança, e uma análise à luz de uma teoria lingüística – a Teoria da Otimidade – que sugere uma explicação para a razão por que essas formas são produzidas.

4.1. Análise morfológica

A análise que traremos aqui se refere apenas às formas verbais regularizadas, que constituiram o foco de estudo da dissertação. O primeiro passo foi realizar a comutação dos dados, a fim de entender a estrutura morfológica dessas formas verbais, e observar se elas se enquadravam na estrutura do vocábulo verbal, tal como descrita por Câmara Jr. Observemos o exemplo da forma ‘fazo’.

(2) T (R **faz** + VT **e**) + SF (SMT **r** + SNP \emptyset) (Forma infinitiva do verbo)

T (R **faç** + VT \emptyset) + SF (SMT \emptyset + SNP **o**) (Estrutura Pretendida)

T (R **faz** + VT \emptyset) + SF (SMT \emptyset + SNP **o**) (Estrutura Realizada)

O que verificamos é que a estrutura realizada pela criança é coerente com a estrutura de um vocábulo verbal regular da Língua Portuguesa, que mantém o radical da forma de infinitivo e o sufixo flexional de primeira pessoa do singular. Um levantamento das formas verbais mais produzidas por adultos e crianças, segundo pesquisas de Biderman (1998) e Andersen (2008), a partir dos tempos e modos mais recorrentes na fala, nos mostrou que o radical **faz-**, no paradigma do verbo **fazer**, é o mais encontrado. Além disso, esse mesmo estudo de Biderman revela que o verbo **fazer** consta na lista dos verbos mais freqüentes na fala adulta, a qual constitui o *input* lingüístico da criança. O estudo de Andersen nos mostra que esse verbo também é um

¹ O Inifono é uma das partes do Banco de Dados sobre Aquisição da Linguagem, compartilhado entre o CEAAL/PUCRS (Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem) e a Universidade Católica de Pelotas.

dos mais freqüentes na fala da criança. Isso sugere a criança tem conhecimento de gramática.

Essa constatação nos leva a refletir sobre a nomenclatura adequada para esse tipo de produção de fala, normalmente tida como ‘erro’, de forma especial na literatura estrangeira.

Buscando o conceito de ‘erro’ no dicionário, encontramos “1.Ato ou efeito de errar. 2. Juízo falso; desacerto, engano. 3. Incorreção, inexatidão. 4. Desvio do bom caminho; desregramento, falta”. Todavia, essa não parece ser uma descrição adequada do que realmente significam essas produções na fala da criança. Sugerimos, então, uma nomenclatura – **formas morfológicas variantes (FMVs)**– que nos pareceu mais ajustada á idéia de que essas formas da criança concorrem com as formas do adulto em sua fala, já que as duas formas são encontradas, inclusive, em uma mesma entrevista.

No dicionário, por ‘variante’ se entende “1.Que varia ou difere. 2.Diferença, variação. 3. Desvio que, numa estrada, substitui o trecho interrompido ou fornece uma alternativa de outro percurso para o mesmo destino. 4. Cada uma das várias lições ou formas do mesmo texto ou vocábulo; versão. 5. Alternativa que substitui ou modifica um plano ou parte de um plano original”. A noção de forma ‘alternativa para o mesmo destino’, de forma especial, nos levou a considerar ‘variante’ como o melhor termo para designar essas produções verbais.

Da análise morfológica também pudemos tecer as seguintes considerações:

- O levantamento das formas verbais (tempos, modos e pessoas) mais utilizadas pelos adultos e pelas crianças – o que nos oferece o *input* lingüístico da criança – nos mostrou que os radicais mais verificados são os mesmos utilizados como base para a formação das FMVs – faz-, traz-, sab- e pon-.
- O padrão de conjugação mais familiar à criança é o regular, devido à recorrência dessas formas.
- Existem dois padrões de conjugação: um para verbos regulares e outro para verbos irregulares, devido às suas características.
- Há menos verbos irregulares do regulares na gramática.
- A forma produzida pela criança segue um dos padrões de conjugação da língua – o regular.
- O verbo, no momento da produção, não é reconhecido como irregular.
- A importância de verificarmos o *input* que a criança recebe é de fundamental importância para a determinação de uma base para o paradigma verbal, responsável pela formação das FMVs.

4.2. Análise pela teoria da otimidade

As informações que nos forneceu a análise morfológica nos permitem pensar sobre por que a criança produz formas verbais regularizadas. Para tanto, procuramos fundamentar nossa linha de pensamento em uma teoria lingüística que nos oferecesse uma explicação econômica e simples. Encontramos esse respaldo na Teoria da Otimidade, mais

especificamente em uma teoria decorrente dela, a Teoria da Anti-Fidelidade Transderivacional.

A Teoria da Otimidade (TO) (Prince & Smolesnky, 1993 e McCarthy & Prince, 1993) é uma teoria lingüística de base gerativa que busca explicar, por meio de uma gramática em que conflitam restrições (forças) universais, ranqueadas diferentemente nas línguas do mundo, a forma como são escolhidos os candidatos ótimos da língua (*outputs* efetivos). Essas restrições, de fidelidade e de marcação, vão exigir que *input* e *output* estejam em correspondência (fidelidade) ou exigirão/evitarão determinadas estruturas da língua, de acordo com a sua marcação relativa (marcação). Um mecanismo denominado GENerator gera, a partir de um *input*, candidatos a *output* que são avaliados por EVALuator, a partir de CON – o conjunto de restrições universais, ranqueadas de forma a escolher o candidato ótimo ou mais harmônico.

A Teoria da Anti-Fidelidade Transderivacional (TAF) (Alderete, 2001), por sua vez, é uma das vertentes da TO, e propõe que a Gramática Universal contém um conjunto de restrições ranqueáveis que produz alternância em palavras morfológicamente relacionadas chamadas de restrições **anti-fidelidade**, as quais induzem uma alternância pela exigência de violação de uma relação de fidelidade em pares de palavras. A relação, na TAF, se estabelece entre dois *outputs*: a base e a forma derivada (flexionada). É dedicada a explicar alterações morfofonológicas, e, por isso, foi utilizada para a explicação da regularização morfológica nesta pesquisa. É claro que algumas adaptações foram feitas, já que essa teoria se dedica à derivação e o nosso trabalho, à flexão. A TAF oferece uma explicação para a seleção da base, em que candidatos à base concorrem entre si e são avaliados pela gramática da língua. Essa base, de acordo com a nossa proposta, é avaliada pelas restrições em relação com as formas flexionadas.

O *tableau* abaixo nos mostra a análise da TAF aplicada à forma ‘trazo’.

Base	Candidatos	OO _{ROOT} Faith	OO _{ROOT} Faith
faz + afixo ²	☞ fazo		*
faz + afixo	faço	*!	

Tableau 1. Forma morfológica variante ‘fazo’

A restrição OO_{ROOT}Faith é de fidelidade, enquanto que a restrição OO_{ROOT}AntiFaith é de anti-fidelidade. Com uma análise por meio de restrições, podemos pensar que a produção de uma forma regularizada não é produto de aplicação de uma regra, como sugeriram as análises mais clássicas sobre o fenômeno, como as de Marcus et al. (1992), mas a seleção de um candidato fiel à base. Como a restrição de fidelidade está mais altamente ranqueada, o candidato mais fiel é mais harmônico e, por esse motivo,

² O afixo não será especificado aqui simplesmente pelo motivo de que não está em análise. Não quer dizer, contanto, que seja uma representação subjacente, uma vez que se está lidando com relação entre *outputs* e, portanto, com palavras da língua e não com representações subjacentes.

escolhido como ótimo (e marcado com o símbolo ‘☞’). Assim, o que guia a criança na produção de FMVs é a fidelidade à base, que se refere à questão da frequência de formas regulares na língua.

Sob essa perspectiva, a gramática dos verbos regulares tem a restrição de fidelidade mais altamente ranqueada. A anti-fidelidade mostra seu papel em uma gramática de verbos irregulares. A regularidade pode ser, em última instância, ‘traduzida’ como fidelidade à base.

5. Conhecimento gramatical e consciência morfológica

A criança que, a partir do segundo ano de vida, revela seu conhecimento de língua por meio da forma como manipula os morfemas pode evidenciar um pouco mais: uma sensibilidade morfológica que, com o aprimoramento lingüístico decorrente do contato com a língua e com a maturação de suas capacidades cognitivas, evoluirá para uma habilidade metalingüística identificada como consciência morfológica. Segundo Carlisle (2000), à reflexão e manipulação intencional da estrutura da língua chamamos consciência morfológica. Correa (2005) nos diz que os estudos sobre o desenvolvimento da consciência morfológica têm incidido sobre a sensibilidade da criança aos processos de derivação e flexão da língua e suas habilidades em lidar com a formação das palavras, bem como com as diferentes flexões nominais e verbais.

Vejamos o exemplo da reflexão de F., um menino de 3:7 que, brincando junto de sua mãe, fala: “por... por... parece porco... parece porcaria”. Poderíamos nos perguntar por que F. não fez uma ligação entre “porco” e “portão”, por exemplo, que tem o mesmo número de sílabas, ou com Porto Alegre, que é o nome da cidade em que mora. Por que F. “escolhe” uma palavra de mesmo radical? Nossa hipótese é de que a criança demonstra, desde cedo, uma sensibilidade aos recursos morfológicos, a qual é aprimorada com o passar do tempo e do seu contato com a língua e de que essa sensibilidade/percepção morfológica pode ser uma etapa rudimentar da consciência morfológica, que poderá ser expressa, mais tarde, por meio da produção intencional ou de habilidades metalingüísticas de reflexão sobre a língua, em um momento em que já é possível pronunciar-se sobre a língua.

6. Algumas considerações

Todo indivíduo nasce com uma pré-disposição inata para adquirir uma língua – a faculdade da linguagem – denominada Gramática Universal (GU) pela Teoria Gerativa de Chomsky, desde que haja *input* lingüístico.

Do contínuo da fala, a criança depreende informações necessárias para segmentar palavras, morfemas, fonemas e atribuir-lhes significado/importância, de acordo com os padrões que regem a língua a que é exposta.

As formas morfológicas variantes evidenciam a sensibilidade da criança aos recursos morfológicos da língua e mostram como ela é capaz de “brincar” com os morfemas de forma coerente com os padrões da língua.

Com relação aos processos morfológicos na fala infantil, podemos dizer que, em formas como ‘fazi’, ‘trazo’, ‘sabo’ ou ‘ponhei’, verificamos a seleção de uma base (regular) para o paradigma verbal dos verbos em questão e a conseqüente regularização

de formas verbais irregulares, enquanto que em formas como ‘suji’ ou ‘mexei’, observamos a troca de sufixos flexionais, que carregam a mesma informação morfológica: ambos são de primeira pessoa do singular, do pretérito perfeito do indicativo. A diferença reside na classe de conjugação a que pertencem. O mesmo acontece com formas como ‘usia’ ou ‘conheciva’.

Já em formas como ‘borrachar’, ‘xizar’ ou ‘vassourar’, a criança mostra ser capaz de aplicar os mesmos processos de formação de verbos de que se utilizam os adultos, como verificamos em verbos como ‘deletar’ e ‘linkar’, muito usados atualmente, que consistem em empréstimos do inglês adaptados ao padrão mais produtivo da língua, ou seja, vogal temática –a + r (infinitivo), que caracterizam a primeira conjugação.

Referente à produtividade, tanto o processo de formação de novos verbos como a formação de substantivos e de adjetivos, ilustrados anteriormente, nos fornecem informações acerca da produtividade de tais afixos e reforçam a idéia de que, por exemplo, a segunda e a terceira conjugações não são produtivas em Português.

Essas informações acerca das formas morfológicas variantes nos levam a importantes constatações sobre como a criança adquire a morfologia, como lida com os recursos morfológicos de sua língua e revelam que, durante o processo de aquisição da morfologia, a criança se guia pela fidelidade à base do paradigma flexional, cuja incidência em seu *input* lingüístico é muito recorrente, produzindo formas coerentes com o padrão regular da língua. Além disso, nos oferecem dados para levar a análise adiante, pensando nas formas morfológicas variantes como a manifestação de uma etapa rudimentar de consciência morfológica, evidenciada pela percepção dos recursos morfológicos da língua, a qual será aprimorada, a partir do desenvolvimento cognitivo da criança, evoluindo para uma etapa em que poderá expressar habilidades de consciência sobre tais recursos da língua.

7. Referências e Citações

ALDERETE, J. D. *Morphologically governed accent in Optimality Theory*. Disponível em [ROA 309 2001a <http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]. Acesso em 23 de maio de 2006.

ANDERSEN, E. M. L. Representações lexicais subjacentes: verbos e léxico inicial. *ReVEL*. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. ISSN 1678-8931. Disponível em [www.revel.inf.br]. Acesso em 10 de agosto 2008.

BIDERMAN, M. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de freqüências do português. *Alfa*, n. 42, p. 161-181, 1998.

CÂMARA Jr. J. M.. *Uma forma verbal portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

CÂMARA Jr. J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969a.

CÂMARA Jr. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CARLISLE, J. F. Awareness of structure and meaning of morphologically complex words: impact on reading. *Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal*, 12, 169-190.

CORREA, J. A avaliação da consciência morfológica na criança. *Psicologia e Reflexão Psicol. Reflex. Crit.* vol. 18 nº1. Porto Alegre Jan./Apr. 2005.

FIGUEIRA, R. A. A palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas, (26), Jul./Dez. 1995.

FIGUEIRA, R. A. Os lineamentos das conjugações verbais na fala da criança. Multidirecionalidade do erro e heterogeneidade lingüística. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 33, nº 2, p. 73-80, junho de 1998.

LORANDI, A. “Erros” Morfológicos na produção de verbos: evidências da gramática infantil. Trabalho de Conclusão de Curso. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MARCUS, G. F.; PINKER, S.; ULLMAN, M.; HOLLANDER, M.; ROSEN, T. & XU, F. Overregularization in language acquisition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Serial nº 228, vol. 57. 1992.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction*. Ms., University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University. Disponível em [ROA 3, 1993. <http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]. Acesso em 14 de abril de 2006.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Ms. Rutgers University. New Brunswick and University of Colorado, Boulder. Disponível em [ROA nº 2, 1993. <http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]. Acesso em 03 de abril de 2006.

SANTOS, R. S. *A aquisição do acento primário no português brasileiro*. Campinas/Unicamp. Tese de Doutorado. 2001.

SILVA, C. L. C. *A Enunciação e o modo de instauração da criança na língua*. Porto Alegre: Ufrgs, 2007. Tese de Doutorado.

SIMÕES, L. J. *Sujeito Nulo na Aquisição do Português Brasileiro: um estudo de caso*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.